

Burocracia começa a envolver Sarney

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A imprensa americana perguntou certo dia a Nikita Kruchev como ele arranjava tempo para governar, se passava tantos meses viajando pelo seu país e pelo mundo, fazendo proselitismo do novo marxismo, que serviu, na década de 60, para mudar a gélida imagem deixada por Josef Stalin — recomposta mais tarde quando o desconcertante ucraniano caiu em desgraça. "Afinal, indagou um repórter, quem governa o seu país, já que o senhor nunca está lá, e, quando está, quase não é encontrado no Cremlim?"

A resposta veio fulminante: "Quem governa é o governo. Eu chefo".

Poucas lições podem ser absorvidas, aqui nos trópicos, daquilo que se passa nas estepes, mas essa seria uma delas. O presidente José Sarney completa hoje dois meses à frente do Executivo, mas já parece prisioneiro da armadilha burocrática. Mesmo nas semanas em que, cauteloso e comedido, substituiu Tancredo Neves, mas, principalmente, depois que passou a sucessor, transformou-se num funcionário público apenas mais importante do que seus colegas. Cumpre horário rígido de trabalho no Palácio do Planalto, recebe centenas de pessoas em audiência, despacha com ministros e auxiliares, esticando o dia para poder tomar as providências mais simples, como autorizar empréstimos, promover nomeações, ouvir queixas e deparar-se com uma infinidade de pedidos. Ainda que sofra de insônia e durma pouco, não consegue parar, pois haverá sempre um importuno na sua ante-sala querendo que ele resolva o varejo. Enquanto isso, acumula-se o atacado.

Trata-se de um vício de 21 anos, pelo menos, o que transformou os presidentes da República em amansados de luxo. Também, com exceção de Castello Branco, os outros gerais não estavam capacitados para a função maior de pensar e repensar o País. De criar, através do estudo, da meditação e da observação, novos rumos e novos caminhos para os problemas crescentes. A moda pegou, difundiu-se a teoria de que ser presidente é dar expediente e cumprir horário.

Ainda há tempo para José Sarney livrar-se dessas cadeias que arriscam transformar o governo da Nova República em mero sexto governo da Revolução, chefiado por um civil. O volume de pequenas coisas, de pequenas causas e de pequenas decisões precisa ser afastado como se deseja afastar o entulho do autoritarismo. O que mais necessita um presidente é de tempo para pensar. De espaço para formular, seja isoladamente, seja reunindo representantes fora da ortodoxia hierárquica. O que não inclui, é claro, seus contatos com o Ministério. Nem o levantar cedo e o dormir tarde. Deve viajar, talvez nem tanto quanto Kruchev, mas precisa sair do círculo de giz de Brasília. Ou da rotina de

Brasília, cidade hoje funcionando como imensa repartição pública, não como capital do País.

Um presidente da República deveria desligar-se do dia-a-dia desimportante, ou importante para os outros, não para ele e a Nação. Precitaria, para efetivar um novo pacto político com a sociedade, como José Sarney anunciou, deixar que o governo governasse, na medida em que se torna necessário tocar a rotina. A ele cabe chefiar esse governo. Conduzi-lo.

Quantas horas e quantas reuniões o atual presidente, nestes dois meses, terá dedicado a problemas fundamentais, como a crise econômica, a retomada do desenvolvimento, as implicações do surto grevista ou a reforma institucional? Terá encontrado meios de imaginar qual o papel da Assembléia Nacional Constituinte a ser eleita no próximo ano? Vontade, certamente a terá, mas disponibilidade, nenhuma. Cinco minutos aqui, cinco minutos ali, provavelmente em seus deslocamentos de carro entre o Palácio do Jaburu e o Palácio do Planalto. Entre mil audiências, despachos, reuniões de rotina e atenção a coisas miúdas, caminha célere para transformar-se no ministro de todos os ministérios, no diretor de todos os departamentos e no chefe de todas as seções do serviço público. Sem se libertar, não haverá como encontrar clima propício às grandes formulações e às grandes decisões. E nem se pense nos fins de semana. Neles, muda apenas o traje, da gravata para a camisa esporte. Ora é o PMDB que o atropela porque não saiu a nomeação de um diretor de estabelecimento oficial de crédito, ora é a Frente Liberal que se queixa de ter sido preterida na indicação de um de seus integrantes.

Convenhamos, assim não dá. José Sarney tem demonstrado competência, tolerância, espírito público e capacidade, desde que assumiu a Presidência da República. Para muitos, até, surpreende. Desdobra-se e procura o entendimento amplo para a concretização das metas da Aliança Democrática. Mas já sufoca. A mentalidade e a postura dos anos anteriores vão estabelecendo sobre ele cerco cada vez mais denso, uma espécie de cinturão burocrático de mediocridade que não lhe permite ser presidente, mas, vale repetir, o transforma em funcionário público de luxo. Vai caindo na engrenagem, desgasta-se e, acima de tudo, frustra-se.

Importa notar que o presidente tem consciência desses fatos, o que já significa muito. Não possui, como os antecessores, a visão distorcida de que o fiel cumprimento do dever se esgota no maior número de audiências e de despachos que puder conceder. Queixa-se, a pessoas de maior intimidade, e pode ser que consiga romper a redoma de vidro. Porque sabe ser a formulação aberta e arejada, as idéias novas e a capacidade de meditar para ousar, o produto mais em falta, hoje, nas prateleiras do poder. C.C.